

## POEMAS DESINSPIRADOS

\*\*\*

### PROLEGÔMENOS

O projeto original dessa obra era um poema épico, a única forma literária bastante digna para expressar a grandiosidade da inspiração que me arrebatou. Não seria, evidentemente, apenas mais um poema épico, ou um poemeto épico qualquer. Seria O ÉPICO – e me dispensem, por favor, de explanar tudo que indico por esse sintagma.

Entretanto, algumas dificuldades se impuseram para o aviamento do projeto. Em primeiro lugar, o problema do herói. Quem poderia protagonizar um poema de tal envergadura. D. Pedro I? Talvez meio trágico. D. Pedro II? Um pouco melancólico. D. Fernando I? Muito cômico. D. Fernando II? Talvez, tipo aventuras de viagem. Ou não haveria herói nessa nação à altura de meu épico? Como é sabido algumas qualidades são indispensáveis: precisa ser esperto, precisa ser nobre, precisa ser forte, precisa ser bonito, precisa ser corajoso. Só isso – aceito sugestões de personagens históricas que se aproximem do modelo. Não vale Tiradentes que não era esperto. E não vale Caxias que espalhou epidemias para exterminar paraguaios e índios.

O outro problema se refere ao próprio gênero proposto. Uma epopéia que se preze é uma obra de estilo superior – léxico erudito, sintaxe nobre. Então, deparei o problema central: não haveria público à altura da Epopéia que arduamente redigira, se a houvera redigido.

Dito o que acima foi dito, resignei-me a estes modestos Poemas Desinspirados.

E assim a Literatura Brasileira deixou de conhecer um autêntico e nativo Poema Épico, do qual, provavelmente, muitos críticos nacionais poderiam orgulhosamente afirmar que, enfim, tínhamos produzido uma poesia de ponta.

\* \*

Por outro lado, se nos versos que seguem, se é que o são, houver qualquer semelhança com outros já produzidos, pode não ser mera coincidência. Sou a colagem de tudo o que têm dito antes de mim e duvido que alguém possa ainda dizer algo novo sub solem. Portanto, não me processem por plágio. Negarei confessando. Confessarei negando. Superei a angústia da influência, assumindo-a. Vamos, pois, ao que importa

DEDICATÓRIA INDISPENSÁVEL:  
está no fim.

\*\*\*

## Epílogo

Assim que tudo acabar,  
hei de solenemente concluir  
com breve e definitivo  
    epílogo –  
    epilogarei.  
Com o Obscuro, tão somente direi  
    panta rei  
    kai oúden ménei  
tudo passa, tudo corre, tudo flui  
nada nada permanece  
    ece  
        ece  
            ece.

\*\*\*

## Soneto impossível

Perdi o ritmo,  
perdi a rima,  
passou-se o tempo,  
acabou o clima.

Amores idos  
ou descobertos,  
Saudades mortas,  
tristezas leves,

Se não há tais,  
quem cantaria  
que coisas mais?

Morreu o tema.  
Como seria  
possível o poema?

\*\*\*

## Musicídio

E aí?

Mataram as Musas.

Quem vai inspirar quem?  
Não tem jeito. tem que fabricar  
verso por verso  
tem que montar  
palavra

sobre

palavra.

Montar, mecanicamente.

Não os cavalos alados dos ancestrais aedos.

Mataram as Musas?

- Inspiração: apenas um movimento respiratório.

Restou o poeta. Restou? Réu  
de si mesmo por ter deixado as Musas morrerem.

Mas rindo ruidosamente  
por terem restado as palavras,  
não tão virgens como outrora,  
mas plenas de novos sentidos,  
semeaduras possíveis de novos semas,  
novos seres, novos poemas.

\* \* \*

## Elas

Elas existem,  
secas ou úmidas.  
Algumas rasas,  
outras profundas.  
Há as vastas e fecundas,  
mas as há férteis e exatas.  
Algumas glabras,  
outras clinudas.  
Estas ardentes,  
aquelas frígidas.  
Existem as meigas,  
nem sempre suaves,  
e também as rijas,  
não sempre ríspidas.  
E as calmas?  
As ansiosas?  
Lentas ou apressadas.  
Mágicas e belas,  
quando eriçadas.  
Que almas  
que rosas  
serão elas?

## Noturno

Luzes acesas,  
acesas poucas.  
Casas chinesas,  
chinesas loucas  
Ruas escuras,  
escuras fendas.  
Noites puras,  
puras lendas.

(1963)

\* \* \*

## Ah meu coração

Sempre tive um coração grande.

Bondade - o mundo precisa.

Dilatado, aumentado, ampliado.

Cirurgia.

Safena?

Patch inter-atrial

interventricular,

só um remendo,

mas inglês é mais científico.

Depois, Atlansil pra taquicardia.

Ah, bom!

Possíveis náuseas e vômitos,

nada mal.

Pior a ataxia.

Mas ...

Pior mesmo o hipo.

Hipo?

Tiroidismo.

Mas o coração -

grande e bom?

No ritmo, só tem o risco.

Coração arisco.

Também possível

fibrose pulmonar.

Então?

E nem sei dançar um tango argentino.

## Ah meu coração

Sempre tive um coração grande.  
Cheio de sonhos e de poemas,  
um poema em cada recanto  
um sonho em cada átrio  
um desejo em cada ventrículo.  
Sempre um tive um grande coração  
que cabia imensas paixões  
muitos amores  
utopias sociais  
angélicas visões.  
Um coração grande sempre tive.  
Povoado de fé e esperança  
de lindas revoluções  
românticas rebeliões  
por um mundo de bonança.  
Um grande coração tive sempre.  
Com sede de infinito  
com fome de absoluto  
buscando eternidade  
a cada efêmero minuto.

\* \* \*

## Calem a boca, ó Musas

*Navego,  
por alto mar, com vento tão contrário  
(Lusiadas, VII, 78)*

Calem as bocas suas Musas velhas,  
para o meu anteprojecto poético  
seu canto desafinado não serve.  
Não cantarei as bobearas de outrora.  
minha cabeça com outras idéias  
ferve.

Meu metro não é heróico,  
meu português não é clássico,  
sou um poeta estóico.  
Saco a falta de varões,  
güento a falta de assunto,  
e aceito não ser Camões.  
Sei que somente palavras  
ajunto.

Mas não consigo  
é compreender  
que sensação  
seria essa  
quase pulsando  
no coração  
qual leve névoa  
que se esfuma  
em dia frio -  
e nem é nuvem.  
Só vazio.

Mar  
rio  
reis.  
Lar  
rua  
leis.  
Lua  
sol  
chão.  
Sei  
nada  
não.  
Não.

## LUNAR

de rua menino  
ria / não ria  
nem sonhe

sonho  
só pesado  
letargo

sobreviva  
amanhã  
é sobrevida

não morra  
não morrer  
importa

lunar  
menino  
de rua

não implora  
de rua  
não chora

só cheira  
e sonha  
de cola

com dia  
sem surra  
e fome

com casa  
com leito  
sem frio

com pai  
que não bate  
sem medo

com mãe  
que não bebe  
afaga

menino rua  
lua cheia  
cola cheiro

menino lua  
cola cheia  
cheiro rua

rodando  
sonhando  
ressona

\* \* \*



5  
Volátil, veloz, voraz,  
o cavalo esverdeado invade  
invisivelmente  
(aids-ebola-dengue,  
cólera-antraz-e-o-que-mais)  
as veias  
dos vivos sobreviventes.  
Sem discriminação, mas  
os pobres, primeiramente.

6  
Nas guerras, guerrilhas, conflitos  
mil de milhares – infinitos.

Afeganistão.  
Angola , Argélia, Burundi.  
Colômbia, Congo, Peru.  
Serra Leoa, Quênia, Mianmar.  
Somália, Sri Lanka, Sudão.  
Uganda, Chechênia,, Indonésia.  
Iugoslávia, Palestina, Filipinas.  
Turquia, Caxemira, Libéria.  
Iraque.

Amém.

7  
E o silêncio da morte, do medo, da fome,  
e da miséria escondida,  
na guerra de cada dia.

Brasil.  
Argentina, Peru, Bolívia.  
Rússia, Irlanda, Inglaterra, França.  
Índia, China, Japão, Paquistão.  
Somália, Egito, África do Sul.  
América do Norte.

Amém.

8  
As 7 trombetas ressoam:  
E quem contra quem  
e quem contra o que  
e quem contra por que ?  
Quem morreu?  
Quem venceu?  
Quem venceu, venceu?

9  
4 cavaleiros  
sós restaram,  
cavalgando, cavalgando  
o sertão, o deserto, o saara.

**Sobre o ar o odor  
do sopro sulfuroso  
do Inferno.  
AMÉM.**

## **SOFIA**

Sofia sofisma solitária.  
Sofia não sonha.  
Sofia sonda o sentido do mundo.  
Sofia não sente o sentido de nada.  
Sofia só sofisma,  
Sofia sofisma só.  
Tudo não é nada.  
Só.  
Sofia só fia seu manto lógico.  
Sofia só fia em seu canto trágico.  
Sofia não tem solução.  
Sofia – a que nada sabe.  
Nem saberá.

**(Eta, que merda de poesia.  
Ou será filosofia?)**

*SEIS SONETOS:  
UM MEIO SONOLENTOS,  
UM MEIO SIBILINOS*

1

*Entre Amor e Morte batalha infinda  
É travada. Busca Amor a vitória.  
Porfia Morte, porém, pela glória.  
Sedentas ambas de mais sangue ainda.*

*Sempre em disputa o coração humano:  
Só visam cada hora sojugá-lo,  
E tentam, sobretudo, o abalo  
Que representará o desengano:*

*Desengano final e infinito  
Parando mortalmente o coração,  
Ou desengano nobre e bonito*

*Movendo o enganado à ilusão.  
Só vencem, afinal, da humana sorte  
Onde Morte como Amor é tão forte.*

2

*Os três – Camões, Petrarca, Shakespeare –  
Grandes mestres da especiosa arte,  
Desempenharam bem a sua parte,  
No trabalho de versos esculpir.*

*Tentando cada qual melhor urdir  
A poesia que pudesse dar-te,  
A sensação suprema que te farte  
Do prazer, da beleza, do sentir.*

*Estilo italiano, estilo inglês.  
Ou o camoniano português.  
Na forma ideal shakespeariana:*

*Um dístico final e três quartetos.  
Na forma perfeita camoniana:  
Dois quartos, dois terços... Saco os sonetos!*

3

*Entre Amor e Morte batalha infinda  
É travada. Busca Amor a vitória.  
Porfia Morte, porém, pela glória.  
Sedentas ambas de mais sangue ainda.*

*Fica assim teu coração na berlinda,  
Ó humano, que não tens a memória  
Dos que viveram semelhante história  
E sonhas sonhos que tua alma brinda.*

*Sustendo à mão douradas e vazias  
Taças, saudando a ilusão vencida,  
Mais um brinde bebes aos velhos dias.*

*E o cálice que sorves é a vida  
Que não viveste pois te consumias  
Lutando para não a ter sorvida.*

4

*Raquel que tão amada não percebe  
Que ainda há de chorar lágrimas tantas  
Por filhos, filhas e tristezas quantas,  
Tão grandes, imensas, que mal concebe*

*Possa existir a terra onde se embebe  
O chão de sangue e dor e mortes tantas.  
A Terra Prometida, em que te encantas,  
Sequer sonha que pranto que apercebe.*

*Lamenta, Raquel, mais profundamente  
Não só todas crianças de Belém,  
Que seguem assustadas novamente.*

*Raquel, chora os meninos também  
Que subviverem em cada continente  
Morrendo e vivendo como Ninguém.  
(28/12/2001)*

5

*Amor apaixonou-se pela Morte –  
Paixão enorme, tão irresistível!  
Viver sem ela era impossível,  
Tão poderosa essa paixão e forte.*

*Amor da Morte tornou-se consorte.  
E tornou-se assim Amor insensível  
Ao humano sofrimento invisível  
Que o homem ao paraíso transporte.*

*De tal forma que a terrena miséria  
Deve-se antes à ação deletéria  
De Amor estar por Morte apaixonado.*

*E vivem os dois tão profundamente  
Em comunhão de almas e de mente  
Que combinam entre si nosso fado.*

6

*Este soneto de agora é o sexto.  
O sexto, sendo o último que tento,  
pois é apenas forma em fingimento,  
utilizando o amor como pretexto.*

*Pois no soneto não cabe o contexto  
de um mundo faminto, doente e sangrento,  
o mundo dos medos, o mundo de merda, o mundo violento.  
O ódio, os crimes, a exploração não cabem nesse texto.*

*Portanto, sem rima, sem metro, sem norma,  
o sexto soneto é somente um protesto  
de um quase poeta muito cansado.*

*E assustado.  
Como criança  
sem esperança.*

## RAQUEL, RAQUEL

(28/12/2001)

*“Ouviu-se uma voz em Ramá,  
choro e grande lamentação:  
Raquel chora seus filhos,  
e não quer consolação,  
porque não existem mais.”  
(Jeremias, em Mt 2,18)*

Não chora agora, Raquel.  
Não vale a pena  
a pena.  
Teu pranto em Ramá,  
teu lamento –  
apenas  
um murmúrio hoje.

Não só em Belém,  
neste Natal mesmo,  
sitiada,  
morrem os inocentes.  
Inocentes,  
ainda que não santos.  
Inocentes,  
ainda que velhos ou adolescentes.

E morrem na Prometida Terra  
em que teu amado sonhou contigo  
e te serviu apaixonadamente.

E morrem em toda a Terra  
de fome, de frio e de guerra.

Morrem e morrerão  
sempre os inocentes:  
o menino palestino,  
o jovem israelense,  
o velho afegão.

Morrem e morrerão.  
Inocentemente.  
Como sempre.

Portanto, não chora!  
Não chora, Raquel!  
Não vale a pena  
a pena.

## MAIS UM

1/6.000.000.000.  
Um sobre seis bilhões.  
Sendo o sobre apenas  
um sinal aritmético.  
Qualquer um  
em seis bilhões de habitantes  
é quase nenhum.  
Seis bilhões de seres humanos.  
Cem milhões de anos do planeta.  
X bilhões de anos do universo.  
X bilhões de galáxias identificadas.  
O que importa  
o que penso,  
o que digo,  
o que faço?  
Ou o que sinto,  
o que creio,  
o que odeio?  
E os poemas que escrevo,  
a quem interessarão?  
Que importa meu drama particular?  
Se vou morrer de coração,  
ou de velho,  
ou câncer, ou aids, ou guerra?  
  
Sei que nada sei.  
Melhor: sei que nada sou.  
Melhor: sei que sou apenas  
mais um –  
o que não deixa de ter algum sentido.

## A PEDRA DO SAPO

Parado na pedra  
o Sapo  
a pensar.

Parado qual pedra  
o Sapo  
pondera.

Ao longe o longo horizonte, a infinda imagem do oceano  
alonga-se atlanticamente, confundindo netuno e urano.

O Sapo  
na pedra  
hesita eternamente:  
pular  
ou  
não pular?

(1970 E UNS)

## EXPLOSÃO TARDIA

Brota agora a poesia por decênios reprimida  
aquela poesia adiada,  
aquela esquecida,  
aquela abafada.

Sou apenas um poeta atrasado  
dos poemas que vim retardando,  
dia a dia, ano a ano.

Tocando a vida, rodando a vida,  
cortando o tempo em mil limalhas.  
E o tempo não d'ando  
e o clima não d'ando  
e o trabalho não deix'ando,  
ando, ando, ando, ando, ando,  
cada rua que ando, viajando, andando  
vida a fora, vida a dentro, vida em frente.

Adiando indefinidamente  
sine dia  
a poesia –  
por imprópria,  
por inútil,  
por vazia.

Agora borbulha,  
meio verde meio velha,  
como a fagulha que rebrilha  
já no instante em que falha.

Assim a poesia que tardiamente recupero  
**explode,**  
como ar tanto tempo reprimido,  
e espalha

estilhaços

pelos espaços

vazios

de uma folha

de papel.

## NAVEGANDO NAVEGAR

Olhando,  
os olhos molhados da menina  
olham o mar.

Marulhando,  
as ondas escoam  
nos pés da menina, a escumar.

Ao longe lento navio –  
não mais lenho a arar o mar –  
nau sem velas, sem zéfiros, sem ninfas.

Não pensa a menina,  
nem sonha.  
Só balança levemente  
ao suave embalo do mar.

Olhando,  
seus olhos refletem  
fagulhas do sol sobre o mar.

... lá vai a menina distante  
navegando  
navegando  
navegar ...

## PEDRA ONDE, DRUMMOND?

Na minha vesícula tinha uma pedra  
tinha uma pedra na minha vesícula  
tinha uma pedra  
na minha vesícula tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que na minha vesícula  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra na minha vesícula  
na minha vesícula tinha uma pedra.  
Portanto, ao todo: 3 pedras.

Tiraram-me as pedras  
e a vesícula.  
Que será de mim  
com o que restou de mim?

Uma pedra no meio do caminho, tinha?  
Era a minha.  
Quem encontrar, favor devolver.

Dentro de mim tinha uma pedra  
tinha uma pedra dentro de mim  
tinha uma pedra  
dentro de mim tinha uma pedra.

Numa me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que dentro de mim  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra dentro mim  
dentro de mim tinha uma pedra.  
Portanto, ao todo: 3 pedras

Tiraram-me as pedras.  
Que será de mim  
com o que restou de mim?

Uma pedra no meio do caminho, tinha?  
Era a minha.  
Quem encontrar, favor devolver.

## TERRA 2002 DC

A idade do universo:  
quinze bilhões de anos

**- BIG BANG -**

(conforme  
complexos cálculos  
calcários, planetários, galáticos  
e combinações físicas,  
astronômicas, cosmológicas).

A idade da Via Láctea:  
quatorze bilhões de anos

(conforme  
complexos cálculos  
calcários, planetários, galáticos  
e combinações físicas,  
astronômicas, cosmológicas).

A idade do Sol:  
cinco bilhões de anos

(conforme  
etc., etc., etc.).

A idade de Terra:  
quatro bilhões e seiscentos milhões de anos

(conforme  
etc., etc., etc.,  
o que não impedirá que daqui a alguns anos  
toda essa ciência  
seja desmentida e ridicularizada,  
como a do ancestral Aristóteles).

Idade do Homo:

dois milhões de anos.

Idade do Homo sapiens:

quatrocentos mil anos.

Idade do Homo sapiens sapiens –

**EU**

– o centro do universo, a obra suprema da criação, o senhor da terra –

**E MAIS SEIS BILHÕES DE INDIVÍDUOS:**

cento e trinta mil anos,

ocupando essa Terra  
que gira em torno de si mesma  
que gira em torno do Sol  
a 29,79 km/s que gira em  
torno de si girando e do centro  
galático  
e com a galáxia a 250 km/s<sup>-1</sup>  
em eterno retorno voltando  
a cada giro ao ponto  
onde sempre esteve

sendo ilusão avançar  
girando retornando  
regirando tudo está  
onde sempre esteve  
e estará.

O homo sapiens sapiens  
tanto sabe, tudo sabe,  
com mais afinco e fervor faz  
o que sempre melhor soube fazer:

invadir o espaço do vizinho  
tomar a comida do irmão  
roubar a mulher do amigo  
acabar com a vida do próximo

O homo sapiens sapiens,  
ciente de tudo que sabe,

cria seu deus a sua imagem de vingança, de ira, de medo;  
cria sua terra a sua imagem de deserto, de fumaça, de fogo.  
E ao que não se amolda a sua imagem,

só cabe exterminar.

Isso é o que chamamos  
(faamos baixinho):

civilização.

**BANG**

## Pequeno silogismo metafísico-sensual-sensorial-sentimental

Tudo  
tem que ter algum sentido.  
Nada  
tem que ter nenhum sentido.  
Pois se algum sentido  
nada tivesse,  
tudo nenhum sentido  
talvez tivesse.

E como ambos contêm  
sentido –  
no sentido e no não-sentido –  
só o sentido deve  
ser contido,  
mas não se contém.

## BOBAGENS

interneticamente  
internauto

inter  
alter  
nativas

alternando portais e sites  
e canso de tanto  
solitária e virtualmente  
navegar e tão lentamente  
arando mares  
já por tantos  
antes navegados

\* \* \*

Eu quero um torresmo  
e quero lingüiça  
e bacon defumado  
e pernil assado com batata frita.

Eu quero minha vesícula de volta.

Ah! que saudades que eu tenho  
de minha velha vesícula  
só tinha algumas pedrículas  
e não ma devolvem mais.

## ANTES

Azul.  
Leve fumo  
súbito  
enegrecendo crescendo evoluendo  
envolvendo em lento movimento  
plumbescendo a redoma telúrica.  
Trrrom.  
Horizonte troveja.  
Não tremo eu.  
Só gotejo?

\* \* \*

## DEPOIS

Choveu!  
Tanta lama!  
Não lamento...  
Nem o mundo lamacento.  
Que tormento!  
Tanto drama!  
E só  
choveu?

\* \* \*

## CONVITE PRA NAVEGAR

Na hora precisa  
do meio do dia  
a linha concisa  
entre o céu e o mar  
te convida  
a navegar.

Entre o céu e o mar  
a linha precisa  
no meio da vida  
na hora concisa  
te obriga  
a navegar.

Entre o céu e o mar  
do meio do dia  
a vida indecisa  
na linha imprecisa  
te impede  
de navegar.

\* \* \*

## O REAL POSSÍVEL

É preciso dizer  
algo bonito  
nem que seja só por dizer.  
É preciso sonhar  
algo bonito  
nem que seja só por sonhar.  
É preciso fazer  
algo bonito  
nem que seja só por fazer.

Nem que seja só por dizer,  
Nem que seja só por sonhar,  
Nem que seja só por fazer,  
... mas que seja bonito.

Bonito de se sentir  
Bonito de se ver,  
Bonito de se viver.

Só bonito.  
Basta.  
E é muito.

## HOMENAGEM

### 1 - Aos poetas da nova linhagem

Chacal, não venha com sacanagem  
que sou um poeta sério.  
Glauco, não venha com viadagem  
que sou um cara macho.  
Nem você com galinhagem  
que sou do tipo durão.  
E apesar de ser assim  
o que eu faço é poetagem.

### 2 - Aos mestres implicados

Mestres aplicados  
aos complicados  
enredos dessa língua  
tão correcta  
plicam as testas  
e implicam  
porque implico  
em dizer que uma coisa  
implica na outra  
(em sua defesa, explico:  
é o Aurélio que aplicam),  
pois conforme se explica  
implicar só admite transição  
se for directa.

Entrementes, replico  
que essa família do plica  
não só duplica  
como se multiplica  
e a preposição preposta  
replica pospostamente  
em situações similares -  
como o a do aplicar.

Se quisermos em latim,  
na família do *plicare*  
*applicare* é de *ad-plicare*  
*implicare* é de *in-plicare*.

Sendo que o *in* aqui é  
dentro,  
não é não.

Nem fora, que fora é *ex*,  
contido no *ex-plicare*,  
que significa desenrolar.

Implicar, directamente transitivo?  
Não no português vivo.

Isso posto, concluamos  
esta complexa questão:  
quem não plica, descomplica.  
Mas, pior é o contrário  
e ser chamado ...  
**DIXI.**

## DESPODER

Manda quem pode  
quem tem juízo obedece

dece

de<sub>s</sub>ce

de<sub>s</sub>ce

de<sub>s</sub>ce

de<sub>s</sub>ce

de<sub>s</sub>c

e

de<sub>s</sub>ce

desce

desce

desce

DEDICATÓRIA:  
Dedico estes poemas desinspirados,  
a todos os desenganados  
e, por que não?, aos enganados.  
A todos os desgraçados  
e seus irmãos engraçados.  
E, pra não perder a rima e o trocadilho,  
dedico-os aos desesperados.  
Mas votando-os à esperança, que deve brotar de cada  
rosto.

\* \* \*

### CONCLUSÃO

No princípio, epiloguei.  
No meio, capitulei.  
Agora, principiei.

*The End \* Fine \* La Fin \* Finis \* Fin \* Das Ende*

O Τελοσ

*EXPLICITO*

*É O FIM!*

Ilustríssimos senhores doutores acadêmicos, tá bom, eu confesso: sou poeta de segunda classe de segunda-feira. *Tenho a felicidade de escrever meus melhores poemas. Melhor que isso não posso.*

Mário de Andrade? Não conheço. Drummond? Não lembro. Ai! Espera aí ... Manuel quem? Não conheço nenhum Manuel poeta.

Gonçalves Dias, Castro Alves, Olavo Brás Martins de Guimarães Bilac? Não, doutor, nunca ouvi falar.

Cassiano Ricardo? Não. João Cabral de Melo Neto? Parece nome de fazendeiro, ou engenheiro.

Eu já disse: não sei de nada nem de ninguém. Eu sou o único culpado pelos meus versos. Não, nem versos. Subversos.

Por favor, chega! Eu confesso. São só um transunto. Mas a culpa não foi minha. Foi falta de assunto.

Não. Por favor... Não!

...!!!